

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS  
CURSO DE JORNALISMO**

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DOS CORRESPONDENTES  
INTERNACIONAIS NA TRANSMISSÃO DE NOTÍCIAS**

**NATHALIA BELLINTANI MEDEIROS**

**São Paulo  
2º Semestre / 2019**

**NATHALIA BELLINTANI MEDEIROS**

**TESTEMUNHAS - ATÉ ONDE VOU PELA MINHA NOTÍCIA?**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Cristine Paiero.

**SÃO PAULO**

**2º Semestre /2019**

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado e me apoiando em minhas escolhas. Muito obrigada pelos conselhos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, que sempre esteve ao meu lado apoiando minhas escolhas, me aconselhando nos momentos mais importantes, e me incentivando a seguir meus sonhos.

Mãe, você sempre sentou ao meu lado nas noites em que precisava mais do seu apoio, me ajudou nos meus textos e me acalmou, sempre confiando que faria um trabalho excelente.

Agradeço à minha orientadora Denise Paiero, que acompanhou minha jornada praticamente toda semana e que me ajudou a fazer o TCC que sonhei.

E por último, agradeço às minhas amigas que aguentaram meu desespero e medo de não entregar um trabalho de qualidade, que sempre tentaram me acalmar, e que estiveram ao meu lado em todos os momentos.

## RESUMO

Esta pesquisa dá base a um livro reportagem com histórias de correspondentes internacionais que já trabalharam ou que estão atualmente no ramo. Como base da pesquisa para a escrita deste livro, foram utilizadas obras de correspondentes internacionais falando sobre suas experiências, de jornalistas que discutiram sobre a profissão em si, e livros específicos sobre livro reportagem e sobre política internacional. Cada entrevistado buscou contar o caminho que percorreu até conquistar o cargo de correspondente internacional, as principais dificuldades que enfrentaram no novo país, assim como sua rotina de trabalho e algumas de suas histórias mais marcantes como profissionais. Os entrevistados foram: Patrícia Vasconcellos; que trabalhou na Argentina e que está hoje nos Estados Unidos; Evelyn Bastos; que está atualmente em Nova York; Ewerthon Tobace; do Japão; Janaina Cesar; que trabalha na Itália; Gabriel Toueg; que atuou em Israel; Luciana Taddeo; que está na Argentina; Sandro Fernandes, que trabalhou em Moscou; e Jamil Chade; que está em Genebra. O objetivo desta obra é mostrar a importância do correspondente internacional na transmissão de notícias.

**PALAVRAS-CHAVE:** correspondentes internacionais; notícia; jornalismo

## **ABSTRACT**

This research originated a report book with stories of international correspondents that have already worked or that are now working in this area. As the basis of the research, several books have been used, such as: books written by international correspondents about their experiences, written by journalists talking about journalism, about how to write books and about international politics. Each journalist told how they started to work as an international correspondent, the main difficulties they had in the new country, details of their work and some of the best stories they have written in their careers. The journalists of this book are: Patrícia Vasconcellos, that worked in Argentina and that is working now in the United States; Evelyn Bastos; that is in New York; Ewerthon Tobace; from Japan; Janaina Cesar; that works in Italy; Gabriel Toueg; that has worked in Israel; Luciana Taddeo; that is in Argentina; Sandro Fernandes; that worked in Russia; and Jamil Chade, that is in Geneva. The purpose of this project is to show the importance of the work of the international correspondents to broadcast news.

**KEY-WORDS:** international correspondents; news; journalism

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>1. Referencial Teórico.....</b>	<b>12</b>
1.1 Critérios de Noticiabilidade.....	14
1.2 Novos Paradigmas do Jornalismo.....	15
1.3 Jornalismo Internacional no Brasil.....	16
1.4 Livro Reportagem.....	17
<b>2. Relato das Atividade Desenvolvidas.....</b>	<b>18</b>
<b>3. Considerações Finais.....</b>	<b>21</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>23</b>



## Introdução

Durante o século XIX, não só o jornalismo brasileiro começou a ganhar forma no país, mas também foi a época em que surgiu o primeiro correspondente de guerra no mundo nos moldes de como a área é vista atualmente. Em 1864, o irlandês William Howard Russel, que trabalhava no jornal *The Times*, em Londres, participou da cobertura da Guerra da Criméia, e seu relato serviu como base para que notícias mais aprofundadas sobre lugares distantes e desconhecidos dos leitores fossem escritas.

De acordo com Genro Filho, em seu livro *Teorias do Jornalismo* (1987, p.164): “O singular, então, é a forma do jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados”. Dessa forma, a construção de uma boa narrativa, questão de extrema importância nos textos jornalísticos, não é uma mera descrição dos fatos, mas sim uma maneira de pensá-los. A presença do jornalista no local onde se deu o fato noticiado e o tornando testemunha do ocorrido faz com que as notícias tenham uma maior qualidade de informações transmitidas.

Cada vez mais os jornais buscaram conseguir notícias. O papel do repórter tornou-se cada vez mais complexo e especializado à medida que os jornais incorporaram correspondentes estrangeiros e colhedores de notícias especializadas de vários tipos. Repórteres eram enviados aos locais de batalhas; outros ficavam permanentemente sediados em Washington, a capital federal, para cobrir fatos políticos. A função de vigilância da imprensa foi consagrada (DEFLEUR, 1993: p. 70).

Ao estarem mais próximos dos lugares noticiados, os jornalistas especialistas nesta área conseguem descrever os acontecimentos ao atribuir significados entre distâncias e culturas. “Correspondentes internacionais são um tipo de antropólogo ou antropólogos são um tipo de correspondente internacional na medida em que ambos empenham-se para reportar sobre uma parte do mundo para outra” (HANNERZ, 2004, p. 123).

A escolha do tema surgiu a partir do interesse pessoal de trabalhar na área de jornalismo internacional desde o começo do curso, principalmente por possuir grande interesse em política internacional e nas relações políticas entre os países. Além disso, esta área possui grande relevância na profissão, uma vez que o papel do correspondente se torna essencial para a transmissão de notícias com maior qualidade e profundidade ao redor do mundo.

A pergunta problema deste trabalho é: Como mostrar em um livro reportagem o trabalho dos correspondentes internacionais na transmissão de notícias ao redor do mundo.

Dessa forma, o objetivo deste livro foi mostrar a importância do correspondente internacional na transmissão de notícias a partir de histórias de jornalistas brasileiros que já trabalharam na área ou que estão atualmente em outro país.

Para alcançar esse objetivo, cada capítulo buscou mostrar o caminho percorrido por cada jornalista até que chegassem ao cargo de correspondente, as dificuldades que passaram em cada país, suas principais matérias produzidas e suas opiniões sobre seu trabalho.

Foram entrevistados os seguintes jornalistas: Evelyn Bastos, que está em Nova York; Patrícia Vasconcellos, também em Nova York mas que trabalhou anteriormente na Argentina; Luciana Taddeo, que esteve na Venezuela e está agora na Argentina; Jamil Chade, correspondente em Genebra; Sandro Fernandes, que trabalhou Rússia; Ewerthon Tobace, que está no Japão; Janaina Cesar, correspondente na Itália; e Gabriel Toueg, que trabalhou em Israel.

Em cada capítulo, foram usadas fotos de arquivo pessoal das principais coberturas de cada entrevistado, além de trechos de matérias citadas pelos correspondentes.

A forma escolhida de contar essas histórias foi por meio de um livro reportagem. Como a maioria dos entrevistados está em outro país, a escrita era o melhor jeito de relatar, de forma fiel e em detalhes, todas as experiências profissionais desses correspondentes e o caminho que percorreram até conquistarem esse cargo.

## Referencial Teórico

### 1.1. Correspondentes internacionais

Para Albertino Aor da Cunha (1990, p.67), existem dois tipos de jornalistas responsáveis por cobrir a editoria de internacional: os enviados e os correspondentes. Essa divisão, para o autor, é de extrema importância quando relacionados com as notícias que são cobertas. Enquanto o correspondente se fixa em um país específico para cobrir os diversos acontecimentos relevantes que seguem os critérios de noticiabilidade, o enviado é usado somente para cobrir um fato em uma região que não possui nenhum jornalista.

De acordo com Adghirni (2013, p.4), existe um senso comum entre todos os profissionais de comunicação sobre o que é necessário para se tornar um correspondente internacional. Após ter entrevistado diversos autores e jornalistas que trabalharam no ramo, Adghirni afirma que uma característica comum nesses profissionais é que todos os correspondentes devem ser autônomos para sugerirem pautas, principalmente pelo fato de sua grande maioria não possuir uma rotina de trabalho e por não trabalhar unicamente para um veículo de comunicação.

O correspondente deve ser também um jornalista multimídia e multiplataforma: escreve, diagrama, publica no jornal impresso, na versão online, fotografa, diagrama, faz podcast e manda boletins para o canal de TV quando este existe. E, para completar, tem a obrigação muitas vezes de manter um blog semanal, como todos os correspondentes da Folha. (IDEM, 2013, p.17).

A figura do correspondente, dessa forma, se diferencia de outros tipos de jornalistas, como aqueles que trabalham em agências de notícias, principalmente pelo ângulo no qual a notícia é abordada. Além de ser factual, a forma de narrar e interpretar o fato noticiado se torna completamente diferente do modo que seria feito por um profissional dentro de uma redação, uma vez que ser testemunha do ocorrido permite um maior aprofundamento no texto escrito.

Britto (2003, p.2), explica que os avanços dos meios de comunicação e das tecnologias, ambos aliados à globalização, proporcionaram o aumento da importância da editoria de internacional no noticiário. Para a autora, apesar desta editoria poder produzir notícias com base em conteúdos vindos de agências, a presença do correspondente pode tornar um jornal mais consistente, independente e autêntico.

Apesar de tratar de acontecimentos que envolvem os diversos países do mundo, Denise afirma que todo correspondente busca uma especialização, que se refere à concentração em uma área / país específico, no qual ele deverá ter um amplo conhecimento sobre questões que variam desde cultura à economia e política.

Graças a isso, para Poeta (2003, p.1), dentre os diversos requisitos que um correspondente precisa, o domínio da língua falada na região na qual ele irá se estabelecer é de extrema importância. Além do domínio da língua, o repertório cultural referente ao país no qual se vive ocupa o segundo lugar dos requisitos ao profissional.

Os hábitos e comportamentos de um povo estão sempre ligados à sua história para entender o lugar e o tempo que você está vivendo. Se nós, correspondentes, somos, de alguma maneira, observadores e intérpretes da realidade a serviço de nossos telespectadores, então é importante observar todo o contexto. E isso exige conhecimento sobre a nova cultura... (IDEM, 2003, p. 2).

Em concordância, Kamel (2018, p.10), também defende a importância da pesquisa cultural. “Como regra geral, o correspondente tem de ter, além de um bom conhecimento das questões que movimentam o mundo, uma excelente bagagem cultural e, em um grau a mais do que os outros, destemor, curiosidade e capacidade”.

## **1.2. Critérios de noticiabilidade**

Dentro da história cultural, pode-se incluir as noções básicas de geopolítica daquele país, que, para Poeta (2003, p.1-2), são extremamente importantes em todo o processo jornalístico. Ao conhecer os aspectos estratégicos do país, que variam desde

suas escolhas políticas, econômicas e comerciais com outros territórios, o correspondente pode não só apurar o fato com maior precisão, mas também a fontes importantes como especialistas que antes poderiam ser ignorados.

Kissinger (2014, p.17), defende que todas as nações atualmente funcionam sob um sistema de Estado proveniente da chamada Paz Vestefaliana, criada em meados do século XVII pelos países da Europa com o objetivo de pôr fim à Guerra dos Trinta Anos, que fez com que o continente perdesse um quarto de sua população.

Apesar de, para o autor, a proposta ter sido criada com o objetivo de trazer um compromisso prático e realista, ela não teve uma visão moral unívoca. Em teoria, cada Estado se tornaria independente e não poderia interferir nos assuntos internos do outro mediante um equilíbrio geral de poder, mas, na prática, cada um atribuiu poder soberano sobre seu território, fazendo com que um novo sistema de ordem mundial surgisse.

Os princípios de independência nacional, de soberania do Estado, de interesse nacional e de não interferência acabaram por revelar-se bons argumentos contra os próprios colonizadores durante as lutas de independência e afirmação dos novos Estados a que deram origem. Hoje, esse sistema engloba todas as culturas e regiões. As suas instituições proporcionaram uma moldura neutral para a interação de diversas cidades - em grande medida, independentemente dos valores que perfilham (IDEM, 2014, p.17).

Graças a isso, o autor afirma que todas as regiões do mundo estão sofrendo mudanças internas consideráveis, e que cada país deve se preocupar em adotar uma abordagem que respeite tanto a condição humana quanto sua liberdade, fato que se torna ainda mais importante em uma época na qual existe uma comunicação instantânea e de fluxos políticos revolucionários.

Enquanto para Kissinger, por exemplo, os Estados Unidos juntam a tentativa de equilibrar seu poder e de não interferir nos assuntos internos de outros Estados com os conceitos da paz vestefaliana, a Ásia, por sua vez, insiste na adoção de conceitos de

uma soberania estatal, fato que faz com que exista uma eterna discussão se os líderes atuais conseguirão se erguer para alcançar um equilíbrio entre as nações.

O policiamento da sociedade assume diversas formas. Leva a comunidade jornalística a focar a sua atenção sobre a corrupção, os procedimentos legais, os direitos humanos. Envolve os jornalistas numa política de “policiamento informativo”, através da obtenção de revelações de informação que contribuem para a credibilidade pública. É focado de uma forma mais rotineira em questões de eficiência, nomeadamente, a eficácia dos custos; são empreendidas regularmente ‘estórias’ sobre a eficiência das operações governamentais (TRAQUINA, 2005, p.76).

Para o autor, a infração e o inesperado são alguns dos critérios de noticiabilidade que são levados em consideração pelos jornalistas ao buscarem suas pautas. Quando relacionados à aplicação de leis, à má gestão de um governo, ou ao mau comportamento de alguma autoridade, é atribuído ao jornalismo a função de policiamento da sociedade, em que o desvio e o crime mobilizam a atenção dos membros de uma comunidade.

Segundo Meyer (2004, p.16), após o mundo capitalista ter entrado em seu terceiro estágio pós-industrial, no qual há uma transferência da atividade econômica da indústria para os serviços, o jornalismo também ingressou em um novo paradigma, tendo buscado neste novo cenário sua sobrevivência como negócio.

Dentre as mudanças que surgiram na profissão, está a adesão do uso da literatura nos textos. Para Rossi (2002, p.7), assim como na literatura, a palavra possui função essencial na ação do jornalista em seu trabalho, fazendo com que o profissional consiga atrair a atenção do leitor a partir do momento em que narrar se torna seu objetivo principal.

#### **1.4. Livro Reportagem**

Apesar da literatura ter sido usada principalmente com a função de entreter seu público até 1930, segundo Lima (1995, p.136), o jornalismo começou a adotá-la como

produto de consumo após ter se inserido na cultura mercadológica. Esta arte literária, segundo o autor, permite uma maior proximidade com o público ao adicionar criatividade e habilidade narrativa ao texto, assim como é visto no livro-reportagem.

O jornalismo absorve assim, elementos do fazer literário, mas, assim como camaleão, transforma-os, dá um aproveitamento direcionado a outro fim. (...) E é esta tarefa, a de sair do real para coletar dados e retratá-los, a missão que o jornalismo exige das formas de expressão que passa a importar da literatura adaptando-as, transformando-as. (IDEM, 1995, p.138).

De acordo com Caparelli (1996, p.182), o livro reportagem possui um caráter híbrido, o qual aborda extensivamente o fato relatado nos mínimos detalhes. Ele consiste, dessa forma, em informar, envolver e até entreter o público, a partir de um fato verdadeiro escrito em uma forma que possibilita experimentos e inovações narrativas.

Dentre das formas de se escrever um livro reportagem, existe o gênero jornalístico perfil. Segundo Vilas Boas (2003, p.14), a qualidade do texto da montagem de perfis é medida conforme a proximidade da narrativa com os personagens, estilo que se diferencia do jornalismo convencional que possui foco na busca pela objetividade.

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

Apesar de diversos autores divergirem sobre a definição do que é construir perfis, Vilas Boas ainda defende que a prioridade é dar atenção à vida do personagem. Para ele, os encontros com os personagens, que são únicos e significativos, junto com o uso da literatura e suas técnicas, proporcionará um bom resultado jornalístico.

### 1.3. Jornalismo Internacional no Brasil

De acordo com Agnez (2012, p.85), a época da ditadura militar no Brasil foi o período de auge do jornalismo internacional no Brasil, pois a censura do governo sobre o que era publicado nos jornais fez com que as informações do que acontecia ao redor do mundo ganhasse força. Foi nesse período também que o país manteve a maior quantidade de correspondentes no exterior.

Porém, ainda segundo a autora, na década de 90, a correspondência internacional em diversos países capitalistas, inclusive no Brasil, sofreu um grande declínio devido à diversas circunstâncias econômicas, materiais e tecnológicas, que afetaram os grupos de comunicação.

Na década de 90, entretanto, a crise financeira dos grupos de comunicação brasileiros resultou numa redução de despesas - e manter profissionais expatriados deixou de ser uma prioridade. Além disso, o período corresponde ao de ascensão das tecnologias de comunicação, que, em certa medida, permitem ter acesso aqui mesmo das redações, com rapidez, às notícias de diferentes partes do mundo (IDEM, 2012, p. 7).

Esse cenário fez com que o jornalismo internacional, e mais especificamente, o uso de correspondentes internacionais, sofressem grandes mudanças. De acordo com um levantamento feito por Agnez (2014, p.135), as emissoras de televisão são as que mais enviam correspondentes ao exterior (44%), seguidas pelos jornais (37%).

Já em relação à origem da notícia, Castro (2006, p.53) afirma que na década de 50, 90% do noticiário internacional no país vinha de agências de notícias, mas com o passar dos anos, esse número foi diminuindo, e os veículos se dedicaram cada vez mais ao material vindo dos correspondentes.



Adghirni (2013, p.46), afirma que ao entrevistar quatro correspondentes brasileiros e após realizar uma série de pesquisas, os próprios jornalistas afirmam que seus trabalhos são diferentes do que é feito pelas agências.

Eles querem revelar as facetas do cotidiano daquela sociedade estrangeira onde estão imersos por tempo limitado às agendas de suas empresas matrizes. Os correspondentes buscam os valores-notícia que são raramente explícitos e têm que ser encontrados nas entrelinhas (IDEM, 2013, p.46).

Para a autora, o foco está em ir além do que somente reportar o fato em si, e o correspondente deve ser capaz de compreender os fatos complexos que devem ser transmitidos e, ao mesmo tempo, propor uma interpretação dos sentidos do acontecimento.

## **Relato das atividades**

### **Pré-Produção**

Todas as obras citadas no Referencial foram usadas como base para pensar a forma como as histórias seriam escritas. Como a ideia foi buscar pelo menos um correspondente de cada região, a primeira etapa foi pesquisar nomes de jornalistas que trabalharam ou que estão em outro país.

Minha primeira tentativa foi entrar em contato com os jornalistas citados no livro Correspondentes, mas como nenhum deles respondeu, resolvi pesquisar de forma mais genérica por “correspondentes brasileiros” em cada região. Em seguida, fui buscar mais sobre o trabalho de cada um dos correspondentes que apareceram como resultado da pesquisa, para ver em qual veículo trabalhavam e as matérias que haviam produzido.

Por fim, ao selecionar os jornalistas que desejava entrevistar, entrei em contato com eles por diversas plataformas, já que nem todos tinham e-mail de fácil acesso ou conta em todas as redes sociais. Os contatos foram feitos por uma dessas formas: e-mail; Facebook; Twitter; ou Instagram.

Para passar a mensagem desejada, e uma vez que tinha a lista de entrevistados, a segunda tarefa foi pesquisar a fundo o trabalho de cada jornalista, focando nas principais matérias que produziram. Com base no material encontrado, elaborei uma série de perguntas para cada entrevistado. A ordem das entrevistas seguiu o critério de disponibilidade das fontes.

### **Produção**

Apesar de ter conseguido entrar em contato com todas as fontes que havia separado, algumas delas não tiveram disponibilidade, e fez com que a ideia inicial de escrever 10 histórias, caísse para 7.

Porém, durante a entrevista com Luciana, ela comentou sobre uma colega que também havia trabalhado na Argentina e na Venezuela, mas que tinha tido experiências diferentes da dela, e acabou me passando o contato da Patrícia

Vasconcellos. Após ter entrado em contato, ela aceitou de imediato ser entrevistada para o meu livro. No final, consegui coletar 8 histórias de correspondentes.

Todas as entrevistas foram feitas por Skype, para que pudesse haver um contato visual e para que a conversa pudesse ser feita de forma mais natural, já que nenhuma delas poderia ser feita pessoalmente. Como cada jornalista estava em um país, os horários das entrevistas foram extremamente variados, pois dependia do fuso horário e da disponibilidade deles. Isso fez com que várias entrevistas tivessem que ser marcadas aos finais de semana, como ao sábado à noite ou ao domingo logo cedo.

Apesar de ter preparado uma série de perguntas para cada correspondente, essa lista só foi usada nas primeiras entrevistas. Isso porque muitas vezes, a pesquisa que eu tinha feito não era suficiente para contar a carreira e a história desses personagens, e quando perguntava se eles gostariam de comentar algo a mais, era nesse momento que as melhores histórias surgiam.

Por isso, enquanto as primeiras entrevistas foram mais baseadas nas perguntas que havia separado, as últimas foram mais parecidas como uma conversa informal, nas quais as conversas fluíram melhor e eu pude criar uma maior intimidade com eles.

Durante essa fase, a primeira dificuldade que passei foi em relação à gravação de uma delas, pois acabei perdendo o arquivo do áudio e tive que agendar outra entrevista com a fonte.

Outra dificuldade foi em relação aos documentos de autorização da entrevista e das imagens, uma vez que algumas das fontes demoraram muito tempo para enviá-las. Além disso, alguns correspondentes não conseguiram mandar imagens suficientes para ilustrar o capítulo da forma que eu gostaria, sendo que várias delas estavam em baixa qualidade.

Após cada entrevista, eu imediatamente decupava o material e começava a escrever o capítulo, e somente agendava a outra entrevista quando aquele texto ficava pronto.

Como o livro trata de um tema complexo como política internacional, fui orientada a buscar formas de deixar o texto mais leve. Como solução, criei boxes para

explicar questões políticas que foram citadas pelos entrevistados; QR codes para que o leitor pudesse escanear e ver uma reportagem em vídeo ou texto citado no capítulo; e prints de textos feitos pelos correspondentes de matérias que foram marcantes para eles.

No fim, fui aconselhada a criar uma conclusão sobre o que era possível resumir sobre o necessário para ser um correspondente internacional em cada país abordado no livro. Quando todos os capítulos ficaram prontos, eu comecei a pensar na parte gráfica.

O primeiro item que queria elaborar era a capa, e pedi para que meu irmão, que estuda design, me ajudasse. A ideia inicial era montá-la com base na capa do livro “Correspondentes”, mas como buscava algo mais simples, optei por usar o contorno do mapa mundi com as bandeiras para sinalizar o país no qual cada fonte trabalha / trabalhou. Para que ela não ficasse chamativa com várias cores, usei um fundo preto para que contrastasse com as cores das bandeiras.

Em seguida, comecei a pensar na diagramação do texto. Como só tinha diagramado algumas pequenas notícias para trabalhos da faculdade, e nunca algo maior, eu não consegui organizar o livro da melhor forma, porque não tinha um modelo em mente de como gostaria que ficasse.

Por isso, entrei em contato com um diagramador, expliquei o conteúdo do meu livro e pedi ideias de como a diagramação poderia ser feita. Em poucos dias, ele me entregou uma primeira versão somente com um capítulo diagramado, e gostei logo de cara.

## **Finalização**

O diagramador sugeriu que o tamanho do livro fosse em A3 e que o texto fosse disponibilizado em duas colunas, já que esse formato permitiria uma melhor diagramação da obra.

As imagens foram intercaladas com o texto para permitir uma maior fluidez na leitura, assim como os boxes, que foram diagramados lateralmente na página com um

recuo para evidenciar o espaço que seria destinado à uma explicação sobre o que estava sendo discutido.

Além disso, como algumas das fontes que foram entrevistadas foram diferentes das que foram inicialmente planejadas, a ideia inicial de separar o livro em 5 capítulos, cada um reunindo histórias de correspondente de uma mesma região, acabou mudando. A escolha foi tornar cada história em um capítulo.

Por fim, como não tinha pensado exatamente em uma ordem para a montagem dos capítulos do livro, na primeira tentativa essa sequência foi montada de forma aleatória. Porém, fui orientada depois a escolher uma melhor forma de organizá-los, e como algumas histórias eram bem maiores do que outras, escolhi por deixar esses maiores capítulos intercalados com outros menores, para não tornar a leitura cansativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi trazer histórias de correspondentes internacionais de diversos países que trabalham ou que já atuaram na área, para que contassem suas experiências como profissionais e as principais dificuldades que passaram. Por meio dessas entrevistas, o objetivo foi mostrar as diferenças de ser um correspondente em cada região, e acredito que a proposta da obra tenha sido alcançada.

Desde quando entrei no curso, meu sonho era trabalhar como correspondente, mais especificamente no Oriente Médio. Cheguei a ler várias obras de jornalistas contando suas experiências, e sonhava com o dia em que poderia fazer o mesmo. Mas não sabia exatamente o caminho para alcançar esse cargo.

Durante os quatro anos do curso, aproveitei ao máximo as aulas práticas que me permitiram treinar e aperfeiçoar minha escrita, que junto com as aulas teóricas, e mais especificamente a de jornalismo internacional, permitiram que eu construísse meu repertório cultural e intelectual.

Essa disciplina de jornalismo internacional foi a que mais me ajudou na definição e na execução do meu TCC, pois foi nessa aula que pude aprender mais sobre geopolítica e sobre os assuntos que poderia destacar em cada história do livro.

Além disso, a disciplina de jornalismo literário também foi de grande ajuda. Como o tema do meu livro envolvia assuntos difíceis envolvendo política e economia, busquei usar uma linguagem literária como forma de tornar a narrativa mais leve e agradável.

No final, os textos trouxeram a mensagem que desejava, e o livro passou a mensagem que queria, que era mostrar as dificuldades que é ser um correspondente internacional em cada país.

Dessa forma, a pergunta problema, que era como mostrar em um livro reportagem o trabalho dos correspondentes internacionais na transmissão de notícias ao redor do mundo, foi respondida, uma vez que a partir de todas as histórias, foi possível entender todas as dificuldades que esses profissionais enfrentam para

transmitir de forma mais profunda e completa os acontecimentos ao redor do mundo. Isso porque, na maioria das vezes, eles são as únicas pessoas que poderão contar aquela história.

Este trabalho foi extremamente importante para mim, não só por trazer histórias de profissionais que trabalham em uma área que eu sempre sonhei, mas principalmente por mudar drasticamente minha opinião sobre meu sonho de carreira.

Antes de entrevistar esses jornalistas, eu não tinha ideia do tamanho e gravidade das situações pelas quais eles passaram e que é a realidade de quem pretende trabalhar nessa área. Essas experiências fizeram com que eu reconsiderasse o desejo de ser correspondente, uma vez que por mais que ainda considere o cargo como algo extraordinário, tais dificuldades me fizeram pensar se eu teria coragem de passar pelas mesmas situações.

**BIBLIOGRAFIA:**

AGNEZ, L. F. Notícia do mundo de lá: transformações no trabalho dos correspondentes internacionais no século XXI. (Pesquisa de doutoramento). Universidade de Brasília, 2012.

AGNEZ, L.F. Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais. Universidade de Brasília, 2014.

ADGHIRNI, Zélia. A Pluralidade Do Mundo Na Visão Do Correspondente Internacional. InTexto. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

BRITTO, Denise F. O Papel Do Correspondente Internacional Na Editoria Exterior. In: 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, 2003.

CAPARELLI, Sérgio. O campo híbrido do jornalismo e da literatura. In: Continente Sul Sur –Revista do Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre: novembro, 1996.

CASTRO, Renata. Jornalismo Internacional: a mudança na editoria Inter nos últimos 50 anos. (Monografia de graduação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

CUNHA, Albertino Aor. Telejornalismo. São Paulo, Atlas, 1990.

DEFLEUR, Melvin. Teorias da Comunicação de Massa. Editora Zahar. São Paulo, 1993.

FILHO, Genro. Teorias do Jornalismo. Editora Insular. São Paulo, 1987.

HANNERZ, Ulf. Notícias Internacionais - Explorando o Mundo dos Correspondentes Internacionais. Foreward. Chicago e Londres, 2004.

KAMEL, Ali. Correspondentes - Bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Editora Globo. São Paulo, 2018.

KISSINGER, Henry. A Ordem Mundial - Tradução de José Mendonça da Cruz. Editora Objetiva. São Paulo, 2014

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.



MEYER, Philip. Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo, Contexto, 2004.

POETA, Patrícia. Publicação eletrônica, 2003.

ROSSI, Clóvis. O que é jornalismo. São Paulo: Brasiliense, 2002.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo - Volume II. Editora Insular. Florianópolis, 2005.

VILAS BOAS, Sérgio. Perfis: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.